

## INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA POESIA DE HERBERTO HÉLDER

João Décio

### I

Herberto Helder constitui na atualidade poética de Portugal uma das mais profundas vozes, ao lado da de Eugénio de Andrade. É autor de vários livros que já começam a solidificar sua presença na moderna Literatura Portuguesa e que são: *O Amor em Visita*, *A Colher na boca*, *Poemacto*, *Lugar*, *Os Passos em Volta*, *Electronicolírica*, *Húmus* e *Retrato em Movimento*. Exceção feita a *Os Passos em Volta* que são contos, os outros livros são todos de poesia.

Na oportunidade vamos analisar *Ofício Cantante* que reúne poemas compostos no período de 1953-1963 e que é formado dos seguintes livros: *A Colher na boca* (1953-1960), *Poemacto* (1961), *Lugar* (1961-1962), *A Máquina Lírica* (1963) e *A Máquina de Emaranhar Paisagens* (1963).

*A Colher na boca* compreende os seguintes poemas: "Transforma-se o amador na coisa amada", "Ciclo", "O amor em visita", "O poema", "Fonte", "Elegia múltipla", "As musas cegas", "Narração de um homem em Maio", "Poemacto" é uma única e longa composição. *Lugar* insere os seguintes trabalhos: "Aos amigos", "Para o leitor ler de/vagar", "Lugar", "Lugar último", "Teoria sentada", "Retratíssimo ou narração de um homem depois de Maio". *A Máquina Lírica* compõe-se de "Em Marte aparece a tua cabeça", "A bicicleta pela lua dentro — mãe, mãe —", "A menstruação quando na cidade passava", "Em silêncio descobri essa cidade no mapa", "Mulheres correndo, correndo pela noite...", "Era uma vez toda a força com a boca nos jornais", "Todas pálidas, as redes metidas na voz", "Tinha as mãos de gesso", "Ao lado, o

mal...”, “Joelhos, salsa, lábios, mapa...” e “A porta com pelos abertos na cal”, “O dia rodava no bico, as...”. *A Máquina de Emaranhar Paisagens*, finalmente, é um longo poema em prosa.

A leitura de *Ofício Cantante* bem como dos poemas de um Eugênio de Andrade, nos mostra que a poesia de um Fernando Pessoa já começa a ser superada, para dar lugar a novas vozes poéticas. Uma delas é a do autor que ora analisamos. E quando se enfrenta os poemas de Herberto Helder, nos perguntamos, por onde começar. Pela temática, pelas qualidades poéticas a verificar, pelas forças motrizes, pelo vocabulário? Tentando começar por este último tópico, evidentemente mais fácil, convém lembrar que algumas palavras são mais frequentes nos poemas de Helder. Tais são: mulher, amor, poema, primavera, estrela, campos, canções, flores, folhas, filhos, irmã, Deus, silêncio, astro, fonte, luz, palavras, obra, mundo, vida, pedra, gato, música, paisagem, inspiração, livros, amigo, sofrimento, árvore, barca, quilha, máquina, novembro, sóis, dedos, música, torre, sangue, cabeça, vento, violino, lua, destino, trevas, jarros, astro, peixe, melancolia, magnólia, égua, seara, lágrima, coração, nevoeiro, símbolo, miséria, mãos, maçã, amora, figo, corpo, coração, colher, onda, rua, flor, espasmo, almofada, fogo, carne, confissão, guitarra, cítara, alaúde, cotovia, pecado, aviões, satélites, búzios, harmonia, relâmpago, verão, rosto, água, vísceras, cavalos, galerias, turquesas, janeiro, novembro e outras de menor presença.

Se quiséssemos enveredar pelo campo da temática, poderíamos lembrar que o lirismo amoroso e erótico, a espiritualização da matéria, a poetificação das coisas menos poéticas (as da realidade fisiológica do homem e da mulher), teríamos campo fértil de trabalho.

Se pensássemos, ainda numa outra direção temática, em torno da presença dos aspectos da natureza, poderíamos acentuar o caráter elemental da poesia de Herberto Helder.

Chamamo-la de poesia elemental, porque ela está repassada dos elementos comuns da natureza; basta atentar para o vocabulário usado pelo poeta, para confirmar-se esta impressão.

Ainda mais, a presença da preocupação com relação coisa-palavra, num verdadeiro redescoberta do mundo que o homem e o poeta devem realizar.

Se nos ativermos ao conceito de Carlos Bousoño para verificarmos como Herberto Hélder conhece e contempla o mundo, em primeiro lugar aparece destacadamente o conhecimento sensorial, em muitos momentos se encaminhando para a própria vivência erótica em torno da mulher. Numa outra dimensão, agora a sentimental ou emocional, apresenta a mulher, agora a irmã ou a mãe. Ainda nesta dimensão, aparecem os filhos num longo poema fora de *Ofício Cantante*, “Minha cabeça estremece”.

Assim, a vivência sensorial (e erótica) e a emocional explicam as dimensões maiores da poesia de Hélder, aparecendo em terceiro lugar (como presença e não como importância) o conhecimento conceptual.

A redescoberta do mundo se põe num tempo vivido instante a instante, momento a momento, na dimensão erótica, repondo a “eterna novidade do mundo” em outros termos, a problemática proposta por Alberto Caeiro.

O redimensionamento por exemplo, de certas palavras e lugares se propõe em termos como casa: “faamos agora de casas”, e em torno de utopia que é realidade do cotidiano”, transfigurado pelo poeta. A voz de Hélder é evidentemente nova como poesia embora pese nele algo da poesia de um Fernando Pessoa. É o caso de interseccionismo ou do sensacionismo, ainda aproveitado pelo autor de *Ofício Cantante*.

Tematicamente ainda, a exaltação da infância, especialmente na última parte do livro, relembram a dimensão oferecida por um Álvaro de Campos, no poema “Aniversário”.

A preocupação intensa com o tempo (“Ah, ninguém se perdoa no tempo”) constitui outra chave importante para se abrir os poemas de Herberto Hélder.

Uma característica encontrada nos poemas de Herberto Hélder é a dinâmica da ação, pólo oposto ao lirismo contemplativo. A poesia de Hélder é ativa, apresenta o homem e a mulher em constante movimento a que se acrescenta um indiscutível sentido plástico. Diante dos poemas de Hélder somos obrigados a visualizar as ações de “personagens” e de ter tido as mesmas experiências que essas ações revelam. Enfim, um sentido plástico e um sentido metafórico (as frutas representando partes do corpo da mulher) estão presentes.

A poesia de Hélder é moderna, é atualíssima, especialmente por ser veiculadora das sensações físicas e eróticas,

únicas possíveis de serem renovadas, porque renovada pode ser o motivo do amor erótico. Está bem situada naquele plano em que as sensações começam a substituir irresistivelmente os sentimentos e as idéias. Nesta vivência das sensações, o poeta identifica e associa a criação poética (do poema) com a vida da carne, do sexo:

Um poema cresce inseguramente  
na confusão da carne.  
Sobe ainda sem palavras, só ferocidade e gosto,  
talvez como sangue  
ou sombra se sangue, pelos canais do ser.

Fora existe o mundo. Fora, a esplêndida violência  
ou os bagos de uva de onde nascem  
as raízes minúsculas do sol.  
Fora, os corpos genuínos e inalteráveis  
do nosso amor,  
os rios, a grande pá exterior das coisas

— E o poema faz-se contra o tempo e a carne.

Os temas dos poemas de Herberto Helder muitas vezes favorecem a construção de verdadeiros poemas que lembram as longas composições de Álvaro de Campos, longos, com verso livre, próprio da liberdade proporcionada pelas intensas e vívidas sensações, conscientes ou inconscientes.

Herberto Helder abandona o lirismo contemplativo e amoroso, característica da poesia de seu contemporâneo Eugênio de Andrade, para expor-se a uma poesia vulcânica, incontida, raivosa, observável na vivência sexual exuberante. Por outro lado, em alguns momentos, a visão elegíaca da mulher nunca se abandona a um lirismo esterilizante, mas a uma vivência total sensação-idéia-sentimento, como se pode notar nos breves trechos que vamos destacar:

Dai-me uma jovem mulher com sua harpa de sombra  
e seu arbusto de sangue. Com ela  
encantarei a noite.

Dai-me uma folha viva de erva, uma mulher,  
seus ombros beijarei, a pedra pequena  
do sorriso de um momento.

. . . . .

Cantar? Longamente cantar.  
Uma mulher com quem beber e morrer.

. . . . .

Em cada mulher existe uma morte silenciosa.  
E enquanto o dorso imagina, sob nossos dedos,  
os bordões da melodia,

. . . . .

Dai-me uma mulher tão nova como a resina  
e o cheiro da terra.  
Com uma flecha em meu flanco, cantarei.  
Começa o tempo onde a mulher começa.

Para este poeta, a mulher é o começo e o fim de tudo, e a posse não é mais razão de tristeza, mas antes, de intensa alegria.

É ainda o poeta que reflete (a dimensão do conhecimento conceptual em Herberto Helder) sobre a palavra e a construção do poema:

“A palavra erguia-se como um candelabro  
. . . . .

E o poema cresce tomando tudo em seu regaço.  
E já nenhum poder destrói o poema.

Para terminar este capítulo inicial, em síntese e em conclusão, Herberto Helder não só realiza poesia de alta concepção estética e plástica, como também reflete sobre a própria criação da poesia.

Continuaremos na próxima oportunidade, na análise dos poemas de Herberto Helder.

## II

Herberto Helder é, em primeira e última análise um poeta hermético, de linguagem difícil, de imagens desencontradas e inesperadas, de associações imagéticas complexas o que provoca num crítico a necessidade imperiosa de ler, ler, ler, para que depois se possa abalançar a dizer algo que possa parecer original, como abordagem.

O fato é que em *Ofício Cantante*, de Herberto Helder, há duas direções paralelas: a da sua própria poesia, como absorção e transmissão e um mundo a construção, através da metalinguagem, de uma arte poética, conforme assinalou e desenvolveu muito bem, Ruy Belo em seu *Na Senda da Poesia*. Afirma este poeta e crítico a certa altura: “Há que pensar em tópicos como poema refletindo sobre o poema a sua maneira de erguer-se em poesia, em metalinguagem (há uma linguagem em torno de uma outra linguagem, que é o poema), o discurso sobre o discurso.” Acreditamos, pelo visto, que seja

possível e válida uma abordagem estrutural da poesia de Helder, por estas características de seus poemas e por aspectos mais particulares que tentaremos evidenciar. Assim, vamos tentar ensaiar aqui uma abordagem estruturalista do poema, nós que, confessamos, fomos educados numa crítica puramente temática, quase impressionista em essência.

Alguém observou que Helder é um poeta de difícil leitura que não é um poeta popular (como o é, por exemplo, Eugênio de Andrade), na sua tentativa de reerguer em poema, poesia e a poética. E nesta linha de idéias, desde o primeiro poema de *Ofício Cantante*, Herberto Helder enfatiza esta idéia da dificuldade de criar uma nova linguagem e com ela nova realidade: “Falemos de casas. Do sagaz exercício de um poder/ tão firme e silencioso como só houve/ no tempo mais antigo.

Portanto, há uma preocupação em Herberto Helder de construir a poesia e construir uma linguagem. Mas também curiosíssima a referência ao fato de que quando falamos de alguém ou de alguma coisa, emocionadamente, ela se transforma e adquire enorme dimensão, confirmando a posição de Ruy Belo que afirma que os poemas de Helder foram feitos para ser lidos. Alguns versos de Helder confirmam a nossa impressão e a idéia de Ruy Belo:

“As casas são fabulosas, quando digo:  
casas. São fabulosas  
as mulheres, se comovido digo:  
as mulheres.”

Se fossemos pensar em ler passivamente, ou em voz baixas tais versos, eles não adquiririam a dimensão real e imprescindível em torno da emoção e do dizer: “quando digo casas”, se comovido digo: as mulheres”.

Portanto, é preciso pensar na poesia de Helder para se ler e em voz alta. Além disso, a poesia de Helder também revela uma preocupação artesanal, oficial que muitas vezes o leva a uma criação interseccionista, como ocorre no poema IV de “As musas cegas”:

Mulher, casa e gato.  
Uma pedra na cabeça da mulher; e na cabeça  
da casa, uma luz violenta.  
Anda um peixe comprido pela cabeça do gato.  
. . . . .

Interseccionismo de visível influência pessoana de “Chuva Oblíqua” e “Hora Absurda”, também está presente em versos do poema: “Minha cabeça estremece com todo o esquecimento”:

“Caneta do poema dissolvida no sentido  
primacial do poema.  
Ou o poema subindo pela caneta,  
atravessando seu próprio impulso,  
poema regressando:”

Igualmente outra tendência pessoana, o sensacionismo (com outras dimensões, ), está presente na poesia de Herberto Helder: outras dimensões porque há aqui a vivência intensa da mulher e a enfatização da própria construção do poema como vivência altamente erótica:

“Um poema cresce inseguramente  
na confusão da carne.”

Alguns dos poemas de Herberto Helder se revelam manifestamente como poemas de busca, em que o poeta procura uma solução para a vida e para o próprio poema. Outros, revelam que o poeta já achou e então, temos verdadeiros poemas do encontro. Neste caso, está a composição de “O amor em visita” em que o poeta já encontrou a solução sobre o significado da mulher: “Em cada mulher existe uma morte silenciosa” ou “Começa o tempo onde a mulher começa”. Como exemplo de poema da busca destaca-se o poema II de “Ciclo”: “Porque não sei como dizer-te sem milagres/ que dentro de mim é o sol, o fruto/ a criança, a água, o deus, o leite, a mãe,/ o amor,/ que te procuram”.

A construção temática e mesmo lingüística do poema de Helder sempre se constitui num processo alucinatório, paragnormal, e alguns dos seus poemas, revelam, inclusive, o processo irracional e subconsciente das imagens poéticas:

“Apalpo agora o girar das brutais,  
líricas rodas da vida.  
Há no meu esquecimento, ou na lembrança  
total das coisas,  
uma rosa como uma alta cabeça,  
um peixe como um movimento  
rápido e severo.  
Uma rosa peixe dentro da minha idéia  
desvairada.  
Há copos, garfos inebriados dentro de mim.”

Embora a poesia de Herberto Helder seja fundamentalmente de ordem sensorial e inúmeras vezes erótica, o fato é que o poeta chega a momentos universalizantes:

“Eu digo que ninguém se perdoa no tempo.”

ou:

“Porque o amor das coisas no seu  
tempo futuro  
é terrivelmente profundo, é suave,  
é devastador.”

Contudo, a presença constante dos termos, palavra, poema, denota a constante preocupação do poeta com a reflexão sobre sua linguagem:

“Poema não saindo do poder da loucura.  
Poema como base inconcreta da criação.”

Inúmeros poemas remetem a própria luta do poeta com a palavra e contra ela:

“Mais uma vez a perdi. Em cada minuto  
a perco. Longe revolteiam as palavras,”

ou:

“Recebo humildemente esta desordem  
da carne, das palavras,  
dos dedos brutos do tempo.”

ou:

“Um poema cresce inseguramente  
na confusão da carne.”  
Sobe ainda sem palavras, só ferocidade e gosto...

ou:

“A palavra erguia-se como um candelabro,”

e

“Penso que deve existir para cada um  
uma só palavra que a inspiração dos povos deixasse  
virgem de sentido e que,”...

e

... “Primavera é uma palavra  
numa língua demasiadamente estrangeira.  
Uma coisa enorme e sem música.”

Então, “palavra”, “poema”, “tempo”, “mulher”, “criança”, “loucura” e outros explodem nas composições de Herberto



Hélder e poderíamos tentar abrir esta poesia, considerando a dinâmica de tais elementos, descobrindo-lhe os vários níveis: metáfora, símbolo, comparações. A dinâmica de tais elementos permitiria configurar juntamente com elementos da natureza (sol flor, estrela, etc.) uma verificação de uma poética da linguagem e de uma linguagem poética em Herberto Hélder.

Assim, é que de agora em diante vamos tentar focar os poemas de Hélder com base nas idéias de Gerard Genette que aparecem em *Figures II*, no capítulo “Langage poétique”, poétique du langage”.

A primeira idéia é a seguinte:

“O princípio maior da poética assim oferecida à discussão é que a linguagem poética se define, com relação à prosa, como um desvio com relação à norma. Em primeiro lugar, em que sentido a linguagem de Hélder é um desvio? Num sentido amplo ela constitui um desvio na medida em que todo seu processo sensorial está estreitamente ligado a uma vivência espiritual das pessoas e das coisas. Quer dizer, Hélder consegue em seus poemas fazer ascender o conhecimento sensorial a conceptual.

Em segundo lugar, a palavra em Hélder não é denotativa, e sim conotativa, característica da linguagem poética. E como consegue Hélder dar conotação, dar níveis à palavra? Inicialmente, os níveis, o poeta os consegue, através do processo reiterativo ou repetitivo, por exemplo pedra pedra, ou pedríssima. Quer dizer, há intensidade, e sabemos que a repetição da palavra é uma tentativa de intensificar, buscar à palavra ou restaurar nela a presença perdida. Então, toda a tentativa de nomear ou renomear o mundo, de intensificá-lo, de repetindo cercá-lo de conotações, eis a principal característica poética de Herberto Hélder.

No contexto geral, Genette fala em linguagem poética e poética da linguagem. Se lembrarmos que Hélder não está preocupado só com a mensagem, mas na insistência com que fala da palavra, do poema, da criação, do artista, da recriação, é possível afirmar que o poeta também está preocupado com o código no relacionamento com a mensagem. Ora, se sua linguagem é poética, como estamos procurando demonstrar, e como ele se preocupa com a criação do poema, também se opera o erguimento de uma poética da linguagem. A propósito, e muito a propósito, em *Na senda da poesia*”, Ruy Belo fala na “poesia e arte poética” em Herberto Hélder. Portanto, ambos

aspectos, da mensagem poética e do código e da metalinguagem (o poema e a palavra refletindo sobre si mesma) constituem elementos básicos para o entendimento da poesia de Herberto Hélder.

Outro aspecto a que Gennette nos leva a pensar é em que sentido a poesia de Herberto Hélder constitui um gênero de linguagem e em que sentido ela configura um novo estilo, uma nova “escritura”, segundo Roland Barthes. A escritura de Hélder consiste primeiramente em nomear a palavra novamente, buscando-a na sua origem, procura injetar-lhe novas acepções e através do processo metafórico e simbólico, consegue carregar o mundo sensorial de uma carga conceptual intensa, ou consegue com os elementos da natureza dar nova dimensão à mulher e à sua vivência sensorial e erótica da mulher. O processo repetitivo e reiterativo também faz parte de uma reconstrução poética. A repetição de uma palavra aqui, ao invés de esvaziar o sentido, enche-a de novos significados, dá-lhe novas dimensões, novos níveis, novas valências, e note-se que a poemática de Herberto Hélder se esgue através de palavras-chaves que explodem no texto.

Os aspectos da natureza, as estações do ano, especialmente a primavera comparece nos poemas de Herberto Hélder, nunca com caráter passivo, antes ela é dinâmica, é humanizada, processo que o poeta em geral estende a toda a natureza:

“Agora a primavera trabalha nas galerias mais angustas.”

ou:

“É uma coisa estupenda a primavera que trabalha nas caveiras dos cavalos enterrados.”

Os versos de Hélder em geral, são bastante longos, esparramados, às vezes lembrando a linguagem em prosa (há muitos poemas narrativos) e tal esparramento está a serviço da força sensorial e erótica que ele confere a seus versos, lembrando o mesmo processo que ocorre nos poemas de Álvaro de Campos, nos seus versos sensacionistas. Aliás, Pessoa não pesou em Hélder só neste particular da vivência erótica e sensacionista, mas também na tendência interseccionista (o poema que fala do peixe e da mãe e das letras) e o poema que fala do “poema subindo pela caneta” e da “jarra bebendo as flores”.

As dimensões plásticas, visuais, a intensa luminosidade revelam a imensa alegria, de viver a intensa vivência da carne.

Outro tema importante é o da criança, e elas aparecem no poema ensinando o poeta a viver, influenciando na sua vivência:

“Essa criança tem boca. Há tantas finas raízes.”

“Essa criança dorme sobre os meus lagos de treva.”

ou:

“Essa criança é uma coisa que está nos meus dedos”

“Essa criança tem os pés na minha boca dolorosa.”

Outro aspecto que dá dimensão poética a Helder é o seu caráter repetitivo, anafórico:

“Mexo a boca, mexo os dedos, mexo  
a idéia da experiência.

Não mexo no arrependimento.”

CONTINUA